

FRACASSO ESCOLAR: DE QUEM É A CULPA?

SANTOS, Edilaine Cíntia dos

tinta162@hotmail.com

CARVALHO, Jeniffer de Oliveira

Jeniffer_ocarvalho@hotmail.com

SANTOS, Michele Marques dos

chelemi_fashion@hotmail.com

ARAUJO, Maria José de Azevedo.

Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes-UNIT.

azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

Todo mundo vive se queixando da escola. Pais, professores e alunos reclamam que ela não está funcionando como deveria e que as coisas não podem continuar desse jeito. Mas cada um pensa que o culpado desse mau funcionamento são sempre os outros. A maioria das crianças e adultos que terminam o ensino fundamental não sabem ler e nem escrever. Isso retardará o ensino-aprendizagem desses alunos. Esse problema é grave. Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. Tem como objetivo, mostrar como está a qualidade do ensino público tendo como base fundamental a leitura e os exames educacionais brasileiros que imprescindível ao ser humano. Indica metodologias e motivações mais adequadas para construir o hábito de leitura, analisa a formação do professor e a forma como ele lida com seus alunos em relação a leitura, os aspectos gramaticais da língua portuguesa e questiona de quem é a culpa do fracasso do ensino público brasileiro. A leitura é crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, no entanto isso acontece por falta de hábito, pois se a leitura fosse um hábito rotineiro as pessoas saberiam apreciar uma boa obra literária.

PALAVRAS CHAVES: leitura, metodologias e motivações, formação do professor e fracasso do ensino público.

ABSTRACT

All the world live to lament of school. Parents, teachers and students complain Who it is not working the best way and the things can't go on in this way, but each one thing which the guilty in this bad operation is always the others. The most children and the adult Who end the secundary school neither know to read and nor write . This Will delay the teaching/learning in these students. This problem is serious. This paper shows the result of bibliografy and quantitative and demonstrates how to be the quality of public school having the fundamental base the reading and the educacional brazilian exams which is vital to the human being . This indicates the methedology and motivations more suitable to build the habito of reading, analysing the formation of the teacher and the form how to work with their students in relation to the reading the Grammar aspects of the portuguese language and to ask which is the guilty of the failure the public brasilian school. The reading is important for the learning of the human being, however it is thought can to get rich our vocabulary, to obtain knowledge and to make how to use dynamics the reason and the interpretation. Many people say that don't have patience to read the book, however this happens because of the lack of the habit, for if the reading were the routine habit the people know appreciate the good literary

KEY WORDS

Key-words: reading, methodology, motivation, formation of teacher and the failure of the public teaching

INTRODUÇÃO

O ensino público brasileiro está precário. Isto pode ser percebido na questão da leitura, pois, a maioria dos alunos, não sabem ler ou transformam a leitura em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos e o baixo desempenho dos alunos nas provas de exames nacionais.

A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. Está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros. Possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades se auto educar, promovendo a sua transformação e a do mundo.

Nesse processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor: os linguísticos, que correspondem ao vocabulário e regras da língua e seu

uso; os textuais, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e os de mundo, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo.

Se é relativamente fácil constatar a presença de leitura na escola, torna-se um pouco mais difícil discutir as condições concretas de produção de leitura. A relevância e a necessidade do ato de ler para professores e alunos são irrefutáveis, porém, é necessário analisar criticamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escolar.

1 A QUALIDADE DO ENSINO PÚBLICO

1.1 O funcionamento da escola de hoje

No país, técnicos do ministro da educação dizem que em algumas regiões 75% dos alunos da 4ª série não sabem ler e nem escrever. O (SAEB) Sistema de avaliação do ensino básico mostrou que no ano de 1995 apenas 10% dos alunos da 4ª série aprendem matemática satisfatoriamente e 42% dos estudantes têm um desempenho considerado regular em língua portuguesa. A precariedade do ensino pode ser notada no programa internacional da avaliação de alunos, no qual os estudantes brasileiros ficaram na última colocação na prova de leitura. Além disso, as escolas públicas também obtiveram a última colocação nas áreas de matemática e ciências.

A leitura não é apenas uma ferramenta das mais importantes para o estudo e o trabalho, é também um dos grandes prazeres da vida, pois além de ampliar o conhecimento, a memória e abrir os horizontes do saber, o indivíduo obtém o conhecimento intelectual e de mundo. Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com os alunos, principalmente após recentes pesquisas que apontaram uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Se a leitura não for estimulada em ambientes escolares, nos lares, ou seja, no dia-a-dia dos indivíduos, ele não terá a amplitude de vocabulário que será prejudicial quando começarem a trabalhar com a escrita, ocasionando um déficit da compreensão, na interpretação de texto como também na conversação com outras pessoas. Com isso o hábito de ler não deve se prender só ao horário escolar, isto é, deve ser incentivado pelos próprios pais para que possua o gosto pela leitura e sendo assim, no futuro terá senso crítico. Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a medida que se vive. Geralmente aprende-se a ler livros nas escolas, e outras na “escola da vida”

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê que pode e deve começar na escola, mas não pode encerrar-se nela. Infelizmente a maioria das pessoas não têm o hábito ou gosto pela leitura, nem se obrigados. Outros não lêem com a desculpa de que não tem tempo, sendo que para assistir TV sempre dispõem de tempo. Os estudantes só fazem determinada atividade

se exigida e bem estimulada. Caso o contrário se entregam a preguiça de ler. Mesmo porque eles acham cansativo ter que ficar parados a ler, muitas vezes histórias que não estão agradando.

Portanto, a leitura se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro, ou seja, quando não se obriga toda uma classe a leitura de um determinado livro e permite a escolha do gênero que preferir, dessa forma, o aluno sente-se estimulado a lê-lo. A leitura faz parte do sistema de comunicação humana, e está conectada a aprendizagem e a utilização da linguagem. A importância de aprender a ler, na sociedade moderna, tornou-se uma necessidade básica, pois é essencial para nele se viver, se aceitar e compartilhar nos recursos que ela disponibiliza.

A leitura é a interpretação de idéias expressas gratificante, associando o que foi própria vivência. Os objetivos da leitura são: desenvolver as habilidades de perceber ou reconhecer palavras, por seus elementos fonéticos; que permitem a criança interpretar e interpretar o que lê e ainda formar hábitos e atitudes.¹

Nos tempos antigos, antes da invenção da imprensa, reservava-se a pouquíssimos o privilégio da leitura e, mesmo depois do século do humanismo, ela só era acessível a uma elite culta. Só nestes últimos decênios, com o desenvolvimento tecnológico e econômico exigido continuamente a colaboração intelectual da maioria das pessoas, surgiu a pergunta: Como poderá tornar-se realidade e extensão a todos “direito de ler”?

A pesquisa sobre leitura, um dos ramos mais jovens da ciência, projetou nova luz sobre o seu indivíduo. O “direito de ler” significa igualmente o desenvolver das potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir. Os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da leitura devem ser bons leitores, um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê afim de ser um bom exemplo para seus alunos.

A formação de um leitor exige familiaridade com um grande número de textos. É preciso, pois ter consciência que a leitura iniciada precocemente deve ser considerada também do

¹ Segundo Santos Simão, 1995,p 145.

ponto de vista de sua influência, para contrabalançar a deformação e o empobrecimento lingüístico. O hábito de leitura precisa ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento e motivar a criança a ir ajustando o conteúdo de suas leituras á medidas que suas necessidades intelectuais e condições ambientais foram mudando. É preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes. Existem alguns tipos de motivações que podem ser utilizadas para incentivar a leitura:

1- Utilizar material de fácil leitura, emocionante apropriado ao grupo de idade específica, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente;

2- A leitura impulsiona o uso e o treino de aptidões intelectuais, como a fantasia, o pensamento, a vontade, a simpatia, a capacidade de identificar. Resultado: desenvolvimento de aptidões , expansão do “ eu”.

3- Necessidade de familiarizar-se com o mundo. Enriquecer suas idéias e ter experiências intelectuais. Resultado: formação de uma filosofia de vida, compreensão de mundo que nos rodeia.

Tais motivações e interesses íntimos, geralmente não percebidos conscientes pelas crianças correspondem a concepção definidas de suas experiências: prazerão encontrar coisas e pessoas familiares (histórias ambientais) ou coisas novas e não-familiares (livros de aventuras0, desejo de fugir da realidade e viver um mundo novo de fantasia (contos de fada, histórias fantásticas, livros utópicos), necessidade de auto-afirmação, busca de idéias (biografias), conselhos (não- ficção), entretenimento (livros de esportes).

Os tipos de leitores relacionam-se intimamente com as motivações para ler,como se reflete nas várias espécies de leitura escolhidas. De acordo com a motivação ou a intenção predominante na leitura, ele distingue entre:

1-Leitura Informativa: é o tipo mais freqüente. A principal motivação para essa leitura é a necessidade de orientação na vida e no mundo. A orientação do uso correto da informação, a compreensão, a interpretação e a análise do conteúdo são elementos importantes no desenvolvimento da motivação para ler.

2- Leitura Escapista: retoma à necessidade de satisfazer desejos. Considerada só pelo conteúdo, a leitura escapista é predominante negativa. A fuga para um mundo de sonhos, para “ uma atmosfera, uma ilusão uma sensação, uma tensão e um estímulo erótico”

avulta em primeiro planos. O que não se encontra na vida-- êxito, prestígio e prazer – procura-se no material da leitura. Revistas ilustradas e romances baratos devem suas existências para a leitura escapista.

3- Leitura Literária: também constitui uma busca além da realidade, procura o significado interno, o reconhecimento simbólico nos acontecimentos cotidianos. Quando pensam num “ bom leitor” vem á mente o leitor literário, para o qual a leitura é uma experiência estética.

4- Leitura Cognitiva: o anseio do conhecimento e da compreensão de si mesmo, dos outros e do mundo. “A leitura cognitiva é basicamente um leitura especulativa que exige grande dose da atividade intelectual da parte do leitor, compreensão crítica e capacidade receptiva. A informação veiculada por um jornal pode provocar reflexão, assim como a provocaram a literatura científica, o material religioso ou a literatura pura.

Se uma criança pega um livro para ler e, logo em seguida o deixa de lado, isso significa um retrocesso no desenvolvimento da leitura. O exame de casos isolados elucida um elemento importante, a causa, normalmente não é o que o livro não seja interessante o suficiente, e sim que ele é muito difícil e exige de mais habilidade de leitura da criança. A seleção de livros de acordo com o seu nível de dificuldade, é importantíssima, principalmente quando se trata de crianças que tem problemas de leitura. É mister evitar qualquer influência que lhe atalhe o desenvolvimento natural da leitura, mormente suas motivações e interesses.

1.2 Fatores importantes á construção da leitura

1- As crianças não são “ adultos em miniaturas” e, por isso mesmo, as motivações baseadas na razão são quase todas ineficazes, mas não se leva em consideração, a predominância do “impulso para brincar” nos primeiros anos de escola. Aqui se cometem erros principalmente pela ênfase excessiva dada aos exercícios de habilidade na leitura.

2- A idéia fundamental de que é necessário treinar especialmente aspectos isolados da técnica de leitura pode prejudicar o desenvolvimento do interesse pela leitura.

3-Os hábitos tradicionais na metodologia do ensino da leitura na Europa Central e Meridional afastam as crianças do contudo do texto e, portanto, do interesse pela leitura:

a) O texto é lido automaticamente e sucessivamente. O professor limita-se a dizer: “outro, e a criança seguinte começa. Na leitura oral é outro é chamado logo depois de algumas sentenças.

b) Muitas escolas têm um único livro de leitura para todo o ano escolar, o que torna necessária a freqüente repetição de alguns textos. Dessa maneira, o interessante pelo texto se transforma em aversão a antipatia.

Os professores, muitas vezes, corrigem de pronto ou deixam que os outros alunos o façam, todo e qualquer erro cometido na leitura oral. O leitor, portanto, fica tão preocupado com a possibilidade de errar que não pode pensar no significado do texto. Os erros devem ser discutidos depois, de concluído o trecho, dando-se mais ênfase aos conselhos de ordem geral do que aos erros isolados.

4- Rigorosa separação entre a leitura feita na escola e a leitura particular. Somente o professor que encara a leitura do aluno como um todo é realmente capaz de formar leitores. Infelizmente, muitos alunos acreditam que o que lêem na escola só é importante para a “nota”, que essa leitura é enfadonha e não tem relação alguma com os seus verdadeiros interesses.

a) A idéia de que se devem usar textos curtos na escola, porque só assim o professor pode realmente ajudar com suas explicações, contraria o princípio de que a criança deve trabalhar independentemente com um texto.

b) Ignorar a leitura particular da criança é limitar o contato entre ela e o professor e não dar a este a oportunidade de motivar a criança ou aconselhá-la sobre um material de leitura mais extenso.

5- Na seleção do material de leitura cumpre atentar de modo especial para a idade e o tipo de leitura. O material de leitura didático ou informativo é incluído cedo demais na programação, num momento em que a criança procura, acima de tudo, histórias vividas e fantasiosas.

a) Se o conhecimento fático tiver de ser apresentado á criança nos seus primeiros anos de vida, terá de sê-lo de forma adequada. O livro de Selma Lagerlof sobre Nils Holgerson inclui um exemplo de maneira com que se pode converter a geografia numa experiência real.

b) Os estudantes na “idade da aventura” são freqüentemente obrigados a ler grande quantidades de literatura clássica, que faz exigências á sua compreensão estética, ainda não plenamente desenvolvida. Mais importante do que ajustar o método de ensino da literatura

ao nível do leitor, é ajustar o material a seu nível; caso contrário, o resultado será uma aversão á leitura.

6- Descaso pelos diferentes graus de rendimentos. Sobretudo no princípio, as crianças menos talentosas se sentem frustradas, e as talentosas, muitas vezes, não se sentem induzidas a fazer tudo o que podem. Cumpre dar mais atenção, mais tempo e um material de leitura mais às crianças atrasadas.

7- O ensino sem métodos diferenciados. Os métodos homogêneos não levam em consideração as diferenças de aptidões, rendimentos e interesses entre crianças. Se forem ensinadas pelo método diferenciado, as crianças poderão comparar sempre seu rendimento anterior com o mais recente e ver que melhoraram.

8- Os perigos que advêm da superestimação dos interesses de leitura:

a) As crianças se familiarizam apenas com a pequena porção do mundo dos livros que por acaso se ajusta aos seus interesses do mundo se alteram no decurso do seu desenvolvimento, e elas param de ler.

b) Dar-se uma atenção exagerada aos interesses de leitura que se relacionam diretamente ao desejo de auto-afirmação, isso poderá ter efeito negativo sobre o comportamento social. A vantagem da leitura é neutralizada pelo dano causado ao caráter.

c) As crianças utilizarem a leitura como uma espécie de droga. Elas não querem mais pensar, preferindo deixar que os livros pensem por elas. O leitor se alheia da sua tarefa social e perde o impulso intelectual e espiritual, nunca experimentará o deleite de busca, do crescimento interior e da troca de idéias.

d) Se os interesses de leitura são considerados de apenas um ponto de vista, isso pode conduzir uma inclinação permanente para uma única espécie de livros: histórias de crimes, amor, o que não significa empobrecido intelectual. A leitura unilateral também conduz a uma visão unilateral da vida e incapacitada o indivíduo para o cumprimento de suas responsabilidades sociais.

Para que se revelem vantajosas a pesquisa no campo da leitura e a experiência do ensino moderno de leitura, é preciso encontrar meios de aplicá-lo no trabalho prático. São necessárias as atividades que propõem os jovens em contato direto ou indireto com livros, sobretudo na

escola, na biblioteca e nos grupos de jovens. Vejamos algumas atividades que podem ser praticadas:

1- Leitura em voz alta e relato de histórias. Ler em voz alta uma história até chegar a um trecho emocionante, de modo que a expectativa da criança seja de tal forma despertada que ela queira continuar lendo por conta própria;

2- Mostras de livros com discussões

3- Autores lêem trechos de suas obras. O contato pessoal com o autor aumenta o interesse.

4-Cursos, reuniões e outros acontecimentos informativos sobre o conteúdo de leitura das crianças. Reuniões e seminários, geralmente combinados com exposições, são altamente recomendados e campo de ação não deve limitar-se ao trabalho na escola e na biblioteca, mas deve também incluir em grupos de jovens, clubes e nos meios de comunicação de massa.

1.3 A formação do professor

1.3.1 O estagnatismo

“O professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar. Sem sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a reduzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja leitura e leitores assíduos e maduros”²

Vários estudos mostram que o repertório de leitura do professor de língua portuguesa é limitado e está estagnado, o que leva a reproduzir mecanicamente sempre as mesmas indicações e práticas de leitura junto a seus alunos. Em certas regiões brasileiras, os textos conhecidos pelos professores se restringem quase exclusivamente aqueles inseridos nos livros didáticos e nos manuais de ensino. A expropriação das condições de trabalho, ocorrida ao longo da história e acentuada nos últimos tempos, e a conseqüente luta pela sobrevivência bloqueiam a atualização dos professores, dificultando ou até impedindo o acompanhamento da literatura em sua área profissional. A própria formação do professor para ensino da leitura deixa muito a desejar, levando-o a imitar procedimentos esclarecedores ou aplicar técnicas de ensaio-erro em suas aulas.

² Ezequiel Silva, 2002, p. 59.

A leitura de diferentes tipos de textos exige do educando o domínio de habilidades, que resulta de práticas e de aprendizagem no transcorrer de sua trajetória escolar. Para questionar discutir e criticar um texto, por exemplo, os educandos precisam vivenciar situações de questionamento, discussão e crítica junto com os seus companheiros e com a participação do professor.

Além da observação crítica e objetiva daquilo que ocorre na prática diária, o trabalhador-professor precisa de teorias que dêem conta dos aspectos envolvidos no fenômeno da leitura. Sem a leitura criticadas práticas cotidianas e sem teorias de leituras, os cuidados com o cultivo do terreno podem não surtir efeito algum, podem não ser eficientes. Por outro lado, os conhecimentos e as técnicas voltadas para a dinamização da leitura e para a educação dos leitores também avançam no tempo, de acordo com as descobertas nessa área específica e cultivo e com os desafios impostos pela própria prática ao longo da história.

No tempo da leitura, em função de sua complexidade e dos problemas inesperados que podem surgir nas fases da produção, o trabalhador-professor inevitavelmente precisará da assessoria e da orientação técnica de outros profissionais. Pesquisas mostraram que os equipamentos para a promoção da leitura nas escolas são extremamente precários e muitas vezes, até inexistente. É o caso das bicicletas escolares. Em função do quadro atual nas escolas, os investimentos em bibliotecas escolares deveriam ser altíssimos, a fim de enriquecer o terreno da leitura e combater as diversas pragas que ali vicejam. Se a perspectiva buscada é incentivar a leitura, então as práticas de ensino e de uso conseqüente das bibliotecas deveriam ser complementares, levando os alunos a um convívio freqüente e concreto com acervos diversificados.

Lamentavelmente, os equipamentos complementares para o cultivo do terreno da leitura escolar ainda estão por ser conquistados; quando existem geralmente são primários ou fora do alcance dos leitores. E o aspecto mais contraditório é que o discurso em torno da implantação de bibliotecas nas escolas já se tornou redundante e envelhecido, sem que os governos tomassem qualquer providência nesse sentido. Daí decorre as orientações na área da leitura ficam por conta do improvisado e, que é pior, da utilização de ferramentas já ultrapassadas.

1.3.2 Habilidades e competências

A leitura é a parte da interação escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das pretendidas pelo autor, segundo Antunes, Irlandé. A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pelo autor.

Nessa busca interpretativa, os elementos gráficos (as palavras, os sinais, as notações) funcionam como verdadeiras “ instruções do autor, que não podem ser desprezadas, para que o leitor descubra significações elabore suas hipóteses, tire suas conclusões. Palavrinhas que poderiam parecer menos importantes, como até, ainda, apenas, entre outras, são pistas significativas em que devemos nos apoiar para fazer nossos cálculos interpretativos. Todo esforço para entender essas instruções, isto é, o que as instruções representam para a compreensão global do ato comunicativo do qual o texto é suporte.

Evidentemente, tais intrusões não representam tudo o que precisa saber para entender o texto. Muito, mas muito mesmo do que se aprende do texto faz parte de nosso “conhecimento prévio”, ou seja, é anterior ao que lá está. Um texto seria inviável se tudo que estar explicitamente presente. O que é pressuposto como já sabido, o que é presumível a partir do conhecimento que temos acerca de acordo com as coisas estão organizadas, naturalmente, já não precisa ser dito. Com base neste princípio é que Van Dijk diz que os textos são inevitavelmente incompleto e que um texto hipercompleto seria incoerente, além de comunicativamente inadequado.

É pela leitura que se aprende o vocabulário específico de certos textos ou de certas área do conhecimento e da experiência. É pela leitura, ainda, que aprendemos os padrões gramaticais (morfológicos e sintáticos) peculiares à escrita, que aprendemos as formas de organização seqüencial (como começam, continuam e acabam certos textos) e de apresentação dos diversos gêneros de textos escritos. A exposição, pela leitura, é claro, a bons textos é fundamental para a ampliação de nossa competência discursiva em língua escrita.

Assim é que a dificuldade dos alunos para escrever tem sua reza de ser também, no pouco contacto que elas mantêm com os textos escritos. As aulas realizaram-se, fundamentalmente, sob a forma de exposições orais e não raro, os textos dados a leitura são “ traduzidos” para o

oral, pela questões de provas ou de exercícios são “explicados” oralmente, num trabalho que até parece esmo uma tradução, o que acaba resultando um trabalho de interpretação requerido dentro dos padrões da escrita formal fica sempre adiado. Não se consegue ultrapassar a dependência do oral. Ter acesso à palavra escrita representa a possibilidade de dominar um instrumento de poder chamada linguagem formal. É nessa linguagem formal que, em qualquer país, estão escritos os códigos, as leis, os ensaios científicos, tudo enfim que faz parte da organização e do funcionamento dos grupos.

Como a tradição era seguir a risca, lição por lição, os livros didáticos, o professor “aprendeu” a não criar, a não “inventar” seus programas de aula. O conhecimento que ele “passava” e repassava era sempre produzido por outra pessoa. Nesse contexto de fato o que sobressai é um professor transmissor de conhecimento, mais precisamente de conteúdo.. Daí a concepção escrita de alguns de que a principal tarefa do professor é dar aula, dar o curso é que é o cerne da profissão.³

O professor precisa ser visto como alguém que, com os alunos e não para os alunos pesquisa, observa, levanta hipóteses analisa, reflete, descobre, aprende e reaprende. Se o texto é o objeto de estudo, primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto e para que se chegue a essa compreensão, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. Ou seja, o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência. Nessa perspectiva é que se um termo é objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar. No texto, a relevância dos saberes é de outra ordem. Ela se afirma pela função que esses saberes têm na determinação dos possíveis previstos para o texto.

Esse objeto; o texto é que vai condicionar a escolha dos itens, os objetivos com que os abordamos e a escolha das atividades pedagógicas. Em geral o que se deve pretender com uma programação de estudo de língua portuguesa é ampliar a competência do aluno para o exercício casa vez mais pleno fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo a escrita e a leitura. Em função desse objeto é que vai se definir o conteúdo programático em torno do qual o professor e aluno realizam sua atividade e aprendizagem. A abordagem da gramática de forma natural não significa que as noções gramaticais não seja, quando necessário,

³ Antune Irandé, 2003.

apresentadas ao aluno. O que se pretende é que a aula não pare nas terminologias, nas classificações e que os exercícios de reconhecimento das diferentes unidades e estruturas gramaticais.⁴

Assim, o estudo do texto de sua seqüência e da sua organização sintático-semântica conduzirá o professor a explorar categorias em si que vale, mas a função que ela desempenha para o sentido do texto. Ou seja, mesmo quando se está fazendo a análise lingüística de categorias gramaticais o objeto de estudo é o texto. Pela análise dos usos da língua entende-se, mais e melhor o funcionamento das unidades da gramática. É preciso que se analise o emprego dessas unidades em textos, para que se garanta seu uso com coerência e adequação comunicativa. Em suma, é preciso analisar, pesquisar o uso da linguagem, e a mediação do professor deve ser encaminhada, então para explicar o funcionamento de todas as categorias na construção dos sentidos do texto.

De fato, não existe texto sem gramática. Praticar o uso de textos, como estudar o texto, é inevitavelmente praticar e estudar mais a gramática, ou melhor dizendo” as gramáticas, como define Bagno, uma vez que, na verdade muitas são as variedades de língua que usamos, todas com suas normas. Soque esse tudo deve ser feito numa perspectiva eminentemente internacional o que significa dizer na dimensão de se perceber como as categorias e regras gramaticais, na verdade funcionam na construção dos textos, orais ou escritos, curtos ou longos.

O ENEM, o exame nacional do ensino médio foi outra prova de que a qualidade do ensino público está ruim. Em 2001 houve o pior resultado da história do exame. O motivo foram as inscrições gratuitas oferecidas neste ano para os alunos das escolas públicas. Na parte objetiva 67,6% dos alunos foram classificados entre insuficiente e regular, enquanto que 235 dos alunos das escolas particulares tiveram essa mesma classificação. Entre os melhores apenas 1,7% pertencia a escola pública enquanto que 16,21% eram das escolas particulares. Na redação os alunos das escolas públicas obtiveram um desempenho péssimo, apenas 7,3% dos alunos tiveram o conceito excelente.

O país estão muito preocupados porque nem todos os filhos conseguem ter vaga na escola e nem mesmo os que conseguem tem resultados ruins. São reprovados vão ter que repetir o ano

⁴ Nóbrega Neves, 2001.

e correm risco de sair da escola sem ter aprendido nada. Esses pais sabem que o fracasso escolar vai pesar no futuro dos filhos porque sem diplomas e qualificação não iram conseguir arranjar um bom emprego. Para a maioria de pais e mães, os responsáveis pelos maus resultados obtidos por seus filhos são as próprias crianças não tiram boas notas porque são preguiçosas, pouco estudiosas e distraídas ou então acham que a culpa é da professora que não obriga a criança a estudar. Eles acham que os professores faltam muito, não ajudam como deviam, não se interessam realmente pelas crianças.

Os pais também se sentem meio culpados porque não são capazes de ajudar os filhos como gostariam nos deveres de casa e na preparação das provas. Eles chegam exaustos do trabalho, ainda tem que cuidar dos filhos menores a muitas vezes não dominam os conhecimentos e as matérias que a escola exige. O que eles devem fazer é cobrar da escola que seus filhos freqüentem, que ela ensine aos seus alunos exija a realização precária atenção, concentração, persistência esforço são também características do aprendizado.

1.4 De quem é a culpa do fracasso ?

O exame também provou que quanto mais baixa a renda dos candidatos pior o seu desempenho. Os alunos na faixa etária de renda de um a cinco salários mínimos tiveram os piores resultados isso demonstra que a pobreza tem uma forte relação com a questão do aprendizado. O número de alunos que vão sendo reprovados expulsos da escola, ao longo dos anos, é assustador. No entanto, essas reprovações e abandonos na atingem da mesma maneira crianças de diferentes meios sócio-culturais. De fatos são sobre tudo as crianças provenientes das camadas populares e do meio rural que fracassam na escola e são forçadas a interromper seus estudos. Evidentemente, essas crianças constituem a grande maioria da população de nosso país e são elas, justamente, as que mais precisam da escola para poder melhorar de vida. São os pais das crianças que fracassam os que fizeram mais sacrifícios para que seus filhos pudessem estudar, foram eles que lutaram e por sua vez esperaram anos ate conseguir vaga para matricular seus filhos. Foram eles que passaram dificuldades para comprar os cadernos e uniformes, foram eles que sofreram ao ver seu filho sendo reprovados e obrigados a repetir o ano. E, no entanto todo esse esforço não serviu. As crianças pobres não em sua maioria excluídos da escola sem qualquer qualificação ser ter aprendido nada de útil para sua vida e seu trabalho.

As crianças saem da escola, mas levam consigo a marca e humilhação do fracasso. Saem convencidos de que fracassaram porque são menos bem inteligentes e capazes do que os

outros. Há poucas alternativas para os atingidos pela exclusão da escola. O destino da grande maioria é aceitar os trabalhos mais duros, de remuneração mais baixa e com maior risco de desempenho na hora da crise. A reação mais comum para explicar o fracasso escolar das crianças pobres é por culpa da vítima: a culpa dos maus resultados escolares seria da própria criança que fracassa ou então da sua família. Muita gente, sobre tudo professores, continuam a ver o fracasso escolar como a consequência de um problema individual próprio à criança que fracassa .

A criança não consegue aprender porque está cheia de problemas, ela é afetivamente desgastada, vive problemas emocionais complicados ou então é distraída e sem memória, não consegue se concentrar, fala tudo errado não entende o que a professora diz, é preguiçosa e rebelde .

Em suma, a culpa é dela mesma se, infelizmente ela não consegue aprender aquilo que a escola ensina tão bem e que os outros aprendem sem dificuldade. Mas a verdade é que a culpa do fracasso escolar como um problema individual não conseguiria explicar porque isso só acontecia com as crianças pobres. Então, pouco a pouco, foi só ganhando corpo uma outra interpretação do fracasso que não seria tanto culpa de cada criança tomada isoladamente, mas sim culpa de sua família de seu meio social e de suas condições de vida.

Sem dúvida a pobreza e a miséria influem nos resultados escolares. Porém, parece que o único culpado de tudo é a própria pobreza e que por causa dela, não seria capaz de dar a criança às condições mínimas para que ela pudesse ter sucesso nos estudos. Para o pessoal que pensa assim, a culpa continua caindo toda num lado só, no lado mais fraco, nas costas das vítimas. Se a culpa é da pobreza, a escola e os professores ficam livres de qualquer responsabilidade.

Até mesmo a necessidade que muitas crianças têm de trabalhar é vista como um defeito que atrapalha o rendimento escolar e explica seu fracasso. É muito difícil trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Mas como as condições da vida da grande maioria da população pioraram muito, as crianças têm sido obrigadas a começarem a trabalhar cada vez mais cedo. O trabalho prejudica o rendimento escolar e o aluno acaba de reprovação em reprovação abandonando a escola e sem estudo ele não vai poder arranjar um emprego melhor, e bem remunerado.

De novo, a culpa volta a cair nas costas da criança, de sua família, de suas condições de vida que não lhe permitem estudar como devia. A criança fracassa porque não consegue corresponder ao que a escola exige.

Alguns pais e mães de alunos acham que a responsabilidade da professora é muito grande nos bons ou maus resultados escolares de seus filhos. As mães se queixam de que as reclamações sobre a falta de preparo da professora nunca chegam até elas. Na verdade, os pais se sentem intimidados e humilhados diante da professora que tem de fato um grande poder sobre o destino de seus filhos e que, muitas vezes, não leva em conta todas as dificuldades e sacrifícios que eles enfrentam para que os filhos estudem. Todas essas explicações contêm uma pequena parte de verdade. As crianças pobres, sem dúvidas, têm uma dificuldade muito maior de aprender o que a escola ensina. Seus pais não têm como lhes oferecer boas condições de estudo.

Trabalhar e estudar ao mesmo tempo é quase impossível. As professoras não estão preparadas para ajudar as crianças, lares transformam-se, muitas vezes, em obstáculos que muitos não conseguem ultrapassar. Até hoje a escola tratou a pobreza como se ela fosse culpada dos pobres, um defeito de nascença que só vem atrapalhar o trabalho na escola e de fato atrapalha, porque a escola não foi pensada para os pobres. A escola foi pensada para uma criança ideal, uma criança que não trabalha que fala bonito, que pode estudar em casa com calma. A escola não foi pensada para a maioria, mas sim para os filhos de uma elite que por definição, são muito poucos.

Quando pobre, as crianças da periferia das zonas rurais entram para a escola, elas ficam deslocadas, não conseguem aprender e passam a constituir um problema em casa, não aprendem porque falam errado. As maiorias dos professores e das autoridades de ensino não procuram saber se a escola poderia se organizar de outra maneira, levando em conta a pobreza e trabalhando no sentido de diminuir e compensar seus defeitos. Não se procura perfeitamente possível, mas, ao contrário, pede-se aos pobres que se adaptem a uma escola que não foi feita para eles, ao fazerem esse milagre, vão sendo pouco a pouco eliminados, e o problema não desaparece e assim os professores sentem-se cansados e frustrados.

As maiorias dos professores do ensino público se dedicam com amor a sua própria profissão. Estes por sua vez se sentem sobrecarregados e desvalorizados em seu trabalho. Suas condições de trabalho são ruins: salas lotadas, falta de material didático, prédios, mas conservados e etc. Eles também estão descontentes com o baixo salário que recebem. Quando se encontra diante de uma turma, percebem que as crianças têm uma dificuldade enorme de seguir o programa. Também se dão conta de que eles próprios, professores, foram mal preparados para o trabalho que têm que fazer.

Cercados por dificuldades de todos os lados, os professores se sentem cansados e desanimados. Eles têm que resolver sozinhos os problemas que aparecem na sala de aula sem ter quem os ajude. Para se defender de tudo isso, eles adotam, por vezes, uma atitude autoritária em relação aos alunos e aos pais, ou então, entregam os pontos e se desinteressam de sorte de seus alunos.

2 VALE A PENA TENTAR MUDAR A ESCOLA?

É evidente que essa escola que instrui uma minoria e elimina a maioria não é democrática nem fraterna. A maneira como ela está organizada não permite a promoção dos menos favorecidos senão em casos excepcionais. De fato, muito poucos são os alunos vindos de lares pobres que conseguem superar a corrida de obstáculos da escola e chegar até a universidade. Esses poucos que têm sucesso, são sempre mostrados como exemplo de que todos poderiam ter sucesso se realmente tivessem se esforçado. E esse mito de igualdade de oportunidades que faz com que os que fracassam culpem a si mesmos pelo seu fracasso, se leva a desprezar o povo e a se dar o direito de decidir de tudo em seu nome. Se a escola não está servindo à maioria e se, ainda por cima, está dando falsas esperanças e ilusões, ele não está cumprindo com sua missão e precisa ser mudada.

Há quem pense que, enquanto as relações de poder na sociedade não mudarem, a escola continuará funcionando do mesmo jeito. Esse pessoal acha que não adianta tentar mudar a escola. Ora, os que pensam assim esquecem que, justamente porque a escola está dentro da sociedade, quando mexemos na escola, estamos mexendo na sociedade.

E a sociedade, por sua vez, também não é uma coisa fixa, parada, que não muda. A escola não é a dona do poder. A sociedade não é a dona do poder. A sociedade também são aqueles que, até agora não tiveram vez, nem voz. A sociedade pode e deve mudar. As mudanças só virão se os principais interessados se mexerem. Elas são sempre resultados das ações dos que protestam contra o tratamento injusto que vêm recebendo da escola e exigem uma escola diferente que atenda realmente os interesses da maioria. Mudando a escola, está mudando a sociedade.

Muita coisa pode ser feita para melhorar a escola. No entanto, deve-se começar de imediato pelas medidas que beneficiam o maior número de pessoas e atende às necessidades dos que mais precisam. Como são as crianças mais pobres que mais precisam da escola, é urgente e prioritário adotar medidas que assegurem a todas elas o ingresso na escola e sua permanência

no ensino pelo maior tempo possível. Algumas dessas medidas práticas, com efeito positivo imediato: prolongamento do tempo de duração da jornada escolar, adaptação do horário e do calendário escolar às necessidades das crianças que trabalham; distribuição gratuita de todo material escolar.

Em alguns lugares, tomou-se a decisão de aprovar automaticamente a passagem de todos os alunos da 1ª à 2ª série. Com isso, se evita a enorme taxa de reprovações ao fim do primeiro ano de escola, dando mais tempo aos alunos com dificuldades de se habituarem à escola e adquirirem as habilidades e comportamentos que facilitam o aprendizado.

Ao invés de esperar que as soluções venham de cima das autoridades, do governo, o povo tem que agir. Discutindo juntos, em pequenos grupos e comunidades, começar a tomar consciência de sua própria força e de sua capacidade de descobrir soluções novas. É descobrindo juntas soluções novas e se ajudando uns aos outros, ao invés de ficar quieto e calado em seu canto que o povo foi aprendendo a se organizar para defender seus direitos.

Nesta luta pela sobrevivência e por uma vida melhor o povo aprende e ensina. Aprende na medida em que vai desmontando, pouco a pouco, essa engrenagem complicada da qual a escola é apenas uma peça. Ele aprende quando procura entender juntos porque os filhos vão mal na escola e descobre que o problema não é individual, mas sim coletivo e que sua solução depende de toda a comunidade.

O povo aprende na medida em que vai vendo mais claro onde está a raiz de cada um dos problemas que enfrenta e vai percebendo que sem união e participação as coisas não mudam.

Vendo, julgando e agindo juntos, o povo se educa e mostra que a educação não acontece só na escola. A gente se educa cada dia, durante a vida inteira, aprendendo das experiências que vive e aprendendo ainda mais se elas são vividas e discutidas em comum. Mas quando o povo se junta para procurar novas soluções para seus problemas ele também ensina a lição de esperança e de solidariedade. O desafio consiste em enfrentar o problema bem mais complicado. É preciso levar para dentro da escola as lições que o povo tem aprendido e ensinado na escola da vida.

Entretanto, segundo Fábio Oliveira que é formado pela Unicamp, professor de sociologia e presidente da ACCEC-ONG. Diz que “Somos uma sociedade acostumada a atribuir a culpa ou a encontrar quem errou quando algo vai mal”. No Brasil, por cômputo de honrar acordos internacionais, devido a empréstimos feitos com a justificativa de necessidade de

investimentos no sistema educacional, os governos estabeleceram reformas educacionais no ensino básico do setor público, com a preocupação de acatar as exigências de financiamentos externos para a educação.

Então os professores não podem assumir a crise pela situação vivida pelo sistema educacional, pois essa crise não é culpa deles, nem dos administradores, nem dos diretores. Essas hipóteses incorretas foram herdadas através dos anos e os professores acreditam que elas fazem parte do cotidiano escolar. Para Fábio a crise da educação, é um dos cenários da crise do estado, pois a educação é pública. O estado tem obrigação de garantir através das políticas educacionais, a oportunidade de um ensino de qualidade a todos. Portanto, a escola precisa de idéias claras e valores apropriados; precisa ser menos e deve ser mais. Dentro de uma escola deve-se perceber como aliado e não como inimigos. O professor solitariamente não conseguirá articular mudanças abrangentes.

As reformas educacionais no Brasil, impossibilitam a execução dos projetos. O principal fator decorre do fato de a legislação sempre se espalhar nos interesses das classes representadas no poder. A escola que há alguns anos preocupava-se só com a transmissão do conhecimento atualmente está com problemas de socialização. Sendo assim, os professores são os que mais sofrem as inseguranças para darem conta das demandas que aparecem nas salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a escola pública, deve fornecer uma educação de qualidade incentivando a leitura, pois dessa forma a população se torna mais informada e crítica. A escola pública junto com os pais tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos e filhos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de grande destaque.

Alguns professores dedicam-se a sua profissão com afinco, proporcionando aos alunos crescimento intelectual através de materiais didáticos adequados para suprir as necessidades de cada educando. Entretanto há professores que não demonstram preocupação em transmitir o conhecimento aos alunos de forma eficaz principalmente quando encontram barreiras como a falta de materiais didáticos que deveriam ser fornecidos pelo governo. Muitas coisas que aprendemos na escola são esquecidas com o tempo, pois não as praticamos, através da leitura rotineira tais conhecimentos se fixariam de forma a não serem esquecidos posteriormente. Dúvidas que temos ao escrever poderiam ser sanadas pelo hábito de ler, talvez nem as teríamos, pois a leitura torna nosso conhecimento mais amplo e diversificado.

REFERÊNCIAS

LARJOLO, Marisa. Domundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1994
pg7.

LUIZ, João, Metodologia científica. Guia para eficiência nos estudos. 4ª. ed. São Paulo: Atlas,
1996

RICHARD, Bamberg. Como incentivar o hábito de leitura. 7ª. ed. São Paulo> Ática, 2002. Pg
63-65.

ANTUNES, Irlandé. Aula de português encontro e interação. 8º ed. São Paulo: Editorial, 2003.

[http://knol.google.com/k/nil-silva-figueiredo/reflexes-sobre-o-fracasso-
escolar/3f324amc6fej4/2#](http://knol.google.com/k/nil-silva-figueiredo/reflexes-sobre-o-fracasso-escolar/3f324amc6fej4/2#)

[http://www.scribd.com/doc/2660062/DN-O-FRACASSO-DA-ESCOLA-PUBLICA-Pedro-
Lomba](http://www.scribd.com/doc/2660062/DN-O-FRACASSO-DA-ESCOLA-PUBLICA-Pedro-Lomba)

<http://www.ceedo.com.br/agora/edelarfracassoescolar.pdf>

http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id070402.htm

<http://www.faced.ufba.br/not/52.htm>

<http://www.duplipensar.net/artigos/2007s2/analise-sobre-fracasso-escolar-brasileiro.html>

<http://www2.funedi.edu.br/revista/revista-eletronica3/artigo12-3.htm>

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amb_a.php?t=005

http://glica.multiply.com/journal/item/395/O_fracasso_dana_escola

[www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/problemas_de_aprendizagem_fracasso_escol
ar.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/problemas_de_aprendizagem_fracasso_escolar.pdf)

www.infocien.org/Interface/Simpos/An02T68.pdf

www.abrapee.psc.br/documentos/.../Fracasso%20Escolar%20Responsabilidade%20da%

[www.avezdomestre.com.br/monopdf/6/JOÃO%20PEDRO%20LANDSBERG%20CHAVES.](http://www.avezdomestre.com.br/monopdf/6/JOÃO%20PEDRO%20LANDSBERG%20CHAVES.pdf)

[pdf](#)

<http://www.nwk.edu.br/biblioteca/PED2005/mcgramos.html>